



**TRAUMATISMO CRANIOENCEFÁLICO EM GAMBÁ DE ORELHA BRANCA
(*DIDELPHIS ALBIVENTRIS*): RELATO DE CASO**
**TRAUMATIC BRAIN INJURY IN A WHITE-EARED OPOSSUM (*DIDELPHIS
ALBIVENTRIS*): CASE REPORT**

Iara Ferreira dos Santos Silva¹

Alice Alvarenga França²

Beatriz Vilaça Rodrigues³

Luan Alexander de Oliveira⁴

INTRODUÇÃO: Os marsupiais do gênero *Didelphis*, como o gambá de orelha branca (*Didelphis albiventris*) destacam-se por sua capacidade de adaptação a diversos ambientes, ocupando desde fragmentos florestais até áreas densamente urbanizadas (Cáceres, 2000). Esta ocupação é impulsionada pela fragmentação de habitats e pelo avanço de atividades agropecuárias, que consequentemente levam a fauna silvestre a integrar ambientes antrópicos em busca de recursos (Whiteman; Monteiro, 2014; Timóteo *et al.*, 2025). Grande parte do sucesso da permanência dos gambás em ambientes urbanos, pode ser atribuída ao seu comportamento sinantrópico (Nascimento; Horta, 2014; De Sá *et al.*, 2014). Nos ambientes urbanos, essa espécie encontra um cenário propício para a sua subsistência e reprodução. A vasta oferta de recursos alimentares, que inclui desde itens da dieta natural até resíduos domésticos e rações de animais de companhia, favorece o estabelecimento da espécie (Vilela *et al.*, 2016; Austad, 1988). Essa coexistência frequentemente resulta em interações humanas adversas e conflitos territoriais, que podem culminar em lesões traumáticas e até na morte desses animais (Timóteo *et al.*, 2025; Cáceres, 2000). O objetivo deste trabalho é relatar o caso clínico de um gambá de orelha branca que apresentou traumatismo cranioencefálico decorrente de impacto por objeto contundente, destacando os achados clínicos, a abordagem terapêutica adotada e a evolução do quadro. **MATERIAL E MÉTODOS:** Uma fêmea de gambá de *D. albiventris* com aproximadamente 1 ano de idade e com seis filhotes em fase de amamentação

1Discente do curso de Medicina Veterinária PUC Minas - Campus Betim.

2Residente do Programa de Residência em Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Silvestres - UFPA

3Médica Veterinária - Hospital Veterinário Reino Animal.

4 Mestrando Programa de Pós Graduação em Biodiversidade e Meio Ambiente - PUC Minas.

no marsúpio, pesando 1,1 kg, foi admitida para atendimento clínico apresentando epistaxe bilateral severa e protrusão da terceira pálpebra, evidenciadas na Figura 1, além de sinais neurológicos sugestivos de traumatismo cranioencefálico (TCE).



Figura 1: A) Epistaxe bilateral; B) Protrusão de terceira pálpebra em olho esquerdo indicada pela seta e epistaxe em narina esquerda.

Na avaliação inicial, observou-se comprometimento sensorial e déficit visual bilateral. O animal apresentava ainda letargia, sem alterações na locomoção, desidratação estimada em 5% e ausculta pulmonar com crepitações. A radiografia craniana, apresentada na Figura 2, evidenciou fraturas no osso frontal e no arco zigomático esquerdo, confirmando a gravidade do trauma, e o ultrassom ocular evidenciou discreto espessamento da região retrobulbar, sugestivo de edema em nervo óptico esquerdo.



Figura 2: **A)** Radiografia de crânio, vista latero-lateral esquerda, revelando linha de fratura em transição de osso frontal e calota craniana (seta); **B)** Radiografia de crânio, vista latero-lateral direita, revelando linha de fratura em transição de osso frontal e calota craniana (seta), e conteúdo gasoso em tecidos moles dorsal ao osso frontal; **C)** Radiografia de crânio, vista dorso-ventral, revelando fratura completa em arco zigomático (seta) e linha de fratura em osso frontal (asterisco).

O protocolo terapêutico instituído incluiu fluidoterapia com solução de Ringer lactato glicosado a 5%, oxigenioterapia, administração de manitol (0,25 g/kg, IV) e hidrocortisona (5 mg/kg, IV) para manejo do possível edema cerebral, antibioticoterapia com enrofloxacin (10 mg/kg, IV), além de ácido tranexâmico (10 mg/kg) para controle da hemorragia. O manejo analgésico foi realizado com tramadol (5 mg/kg, SC) e dipirona (25 mg/kg, IV). O suporte nutricional foi realizado predominantemente por alimentação assistida com suplementos hipercalóricos à base de vitaminas, ferro e aminoácidos, havendo ingestão espontânea ocasional de ovos, frutas e insetos. Durante o período de tratamento, o animal permaneceu internado em Unidade de Tratamento Animal (UTA), mantida sob controle ambiental, com temperatura entre 24 e 27 °C e umidade relativa do ar entre 50 e 60%, sob monitoramento intensivo, com aferição dos parâmetros fisiológicos a cada 8 horas ou em intervalos menores conforme a necessidade clínica. Outras medidas terapêuticas foram adicionadas, como tratamento oftálmico com colírio de atropina, e pomada oftálmica anti-inflamatória e antibiótica em olho esquerdo.

RESULTADOS e DISCUSSÃO: O manejo clínico do TCE concentra-se na prevenção e no controle das lesões secundárias, uma vez que as lesões primárias tendem a ser irreversíveis e resultam de dano estrutural imediato causado por forças físicas diretas às estruturas intracranianas (Sande; West, 2010; Hopkins, 1996). Durante os nove dias de acompanhamento, observou-se anemia progressiva e hipoglicemia persistente (55 mg/dL), refratária à fluidoterapia glicosada contínua. Embora a epistaxe inicial não tenha sido quantificada, a anemia pode estar associada tanto à perda sanguínea quanto a uma resposta inflamatória sistêmica, capaz de interferir no metabolismo do ferro, na eritropoiese e na sobrevivência das hemácias (Toso, 2014). Essas alterações configuram importantes fatores de insulto secundário, decorrentes de processos bioquímicos e inflamatórios desencadeados pelo trauma primário, que contribuem para a progressão do dano neurológico (Hopkins, 1996). Embora a hiperglicemia seja mais frequentemente descrita em casos graves de injúria cerebral (Syring; Otto; Drobatz, 2001), marsupiais apresentam maior demanda energética durante a lactação do que na gestação, que é relativamente curta e de menor custo metabólico (Nascimento; Horta, 2014), embora não

seja possível estabelecer relação causal direta, essa condição pode ter contribuído para o desequilíbrio metabólico observado. Durante a internação, a manipulação foi mantida ao mínimo devido a episódios de instabilidade respiratória, possivelmente associados ao edema pulmonar neurogênico (EPN). Apesar de sua fisiopatologia não estar completamente elucidada, o EPN é atribuído a uma descarga simpática maciça pós-trauma, que eleva a pressão capilar pulmonar e promove acúmulo de fluido nos pulmões. Esse quadro pode resultar em dispneia, hipoxemia e hipercapnia, levando à vasodilatação cerebral e ao aumento da pressão intracraniana (PIC), agravando a lesão secundária (Sande; West, 2010; Drobatz *et al.*, 1995). A paciente manteve-se sob prognóstico reservado devido aos comprometimentos sensoriais e ausência de reflexo pupilar. No nono dia de internação, após sedação mínima com isoflurano para manutenção de acesso venoso e coleta de sangue para novos exames, a paciente apresentou recuperação anestésica satisfatória, retornando ao comportamento ativo. Contudo, aproximadamente uma hora após o procedimento, ocorreu bradicardia intensa seguida de parada cardiorrespiratória. Apesar das manobras de reanimação cardiopulmonar e administração de adrenalina, o paciente evoluiu para o óbito. Os filhotes, que mantiveram vitalidade preservada durante todo o período, foram destinados à continuidade do processo de reabilitação. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O caso clínico apresentado reforça os desafios do atendimento a animais silvestres, onde o traumatismo é uma consequência comum de interações antrópicas adversas. A evolução da paciente demonstrou que apesar de um protocolo terapêutico intensivo, as lesões secundárias e edema cerebral são fatores que podem comprometer severamente o prognóstico. O desfecho ressalta a importância de monitoramento contínuo e da necessidade de mais estudos sobre as particularidades metabólicas dos marsupiais relacionadas ao traumatismo cranioencefálico.

Palavras-chave: sinantrópico; marsupiais; interações antrópicas; edema cerebral; fratura.

Keywords: synanthropic; marsupials; anthropogenic interactions; cerebral edema; fracture.

REFERÊNCIAS

AUSTAD, S. N. **The Adaptable Opossum**. Scientific American, v. 258, n. 2, p. 54-59, 1988.

CÁCERES, N. C. **Population ecology and reproduction of the white-eared opossum *Didelphis albiventris* (Mammalia, Marsupialia) in an urban environment of Brazil**. Ciência e Cultura, v. 52, n. 3, p. 171-174, 2000.

DE SÁ, E. F. G. G.; MENDES, D. A. S.; CHEUNG, K. C. **Survey and characterization of *Didelphis albiventris* (Lund 1840) in fragments of Cerrado in Cervinho Farm, Bandeirantes, MS, Brazil.** Multitemas, n. 45, p. 83-102, 2014.

DROBATZ, K. J. et al. **Noncardiogenic pulmonary edema in dogs and cats: 26 cases (1987–1993).** Journal of the American Veterinary Medical Association, v. 206, n. 11, p. 1732-1736, 1995.

HOPKINS, A. L. **Head trauma.** Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice, v. 26, p. 875-891, 1996.

NASCIMENTO, C. C. do; HORTA, M. C. **Didelphimorphia (Gambá e Cuíca).** In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. (org.). Tratado de animais selvagens: medicina veterinária. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2014. p. 682-706.

SANDE, A.; WEST, C. **Traumatic brain injury: a review of pathophysiology and management.** Journal of Veterinary Emergency and Critical Care, v. 20, n. 2, p. 177-190, 2010.

SYRING, R. S.; OTTO, C. M.; DROBATZ, K. J. **Hyperglycemia in dogs and cats with head trauma: 122 cases (1997–1999).** Journal of the American Veterinary Medical Association, v. 218, n. 7, p. 1124-1129, 2001.

TIMÓTEO, J. L. et al. **Clinical evaluation and therapeutic management of traumatic injuries and complications in the white-eared opossums (*Didelphis albiventris*) - case report.** Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v. 77, n. 3, e13326, 2025.

TOSO, M. de R. **Anemia da doença crônica.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VILELA, D. A. R. et al. **Gestão de conflitos com animais silvestres em centros urbanos: informe técnico.** Belo Horizonte: Ministério Público de Minas Gerais, 2016. 44 p.

WHITEMAN, C. W.; MONTEIRO, F. O. B. **Perspectivas para a conservação de fauna no Brasil.** In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. (org.). Tratado de animais selvagens: medicina veterinária. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2014. p. 2360-2369.